

**MENTIRA E DISSIMULAÇÃO  
EM “NOITE DE ALMIRANTE”**

LIMA, Marcos Hidemi<sup>1</sup>

MARTINEZ, Márcia de Fátima<sup>2</sup>

---

1 Marcos Hidemi de Lima possui especialização em Literatura Brasileira (2002), Mestrado em Letras (2006) e ingressou no Doutorado em Letras (2007), todos pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

2 Márcia de Fátima Martinez possui especialização em Literatura Brasileira (2002) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

**RESUMO:** Este artigo analisa as personagens presentes no conto “Noite de almirante”, de Machado de Assis, apresentando um narrador que detém seu olhar nos sujeitos de um mundo em que a tônica é a pobreza. Nesse conto cujo enredo aborda uma espécie de adultério entre pobres, a ironia machadiana apresenta a história da paixão ambígua entre o marujo Deolindo e Genoveva, que firma entre si uma promessa de fidelidade, quebrada, todavia, pela mentira e pela dissimulação de ambas as partes (também uma maneira de mascarar a instabilidade da condição socioeconômica de ambos), haja vista que o marinheiro oculta aos amigos seu desencontro amoroso com Genoveva, bem como esta assume o não cumprimento da palavra empenhada, pois, diante da dúvida do sucesso do relacionamento com o marinheiro, passara a viver com outro homem, reflexo das injunções econômicas às quais muitas das mulheres pobres e comprometidas da época estavam sujeitas, isto é, diante da incerteza de haver uma relação futura pautada pela estabilidade, muitas optavam por unir-se a outro homem, o qual pudesse pelo menos oferecer certa segurança econômica e mesmo amorosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis, conto, máscara social

**ABSTRACT:** This article analyses the characters in “Noite de almirante” by Machado de Assis, presenting a story teller focused on people living in a world distinguished by poverty. The plot of the story deals with a kind of adultery amongst the poor, and the Machadianism’s sarcasm shows us the ambiguous passion between Deolindo the sailor and Genoveva, both promising fidelity to each other, and afterwards breaking it up through dissimulation and lies (also a way of masking the instability of their social and economical condition): he, hiding from his friends about the misfortune of his love affair; she, on the other hand, admitting the non accomplishment of the previous oath and distrusting the success of this relationship, chose to live with another man, a consequence of the economical injunctions to which poor women of that time were submitted – the uncertainty of facing a steady future – many of them opted by joining another man who could at least offer them some economical security, or even love.

**KEYWORDS:** Machado de Assis, short story, social mask

Ao escrever “Noite de almirante”, um dos contos que faz parte do livro *Histórias Sem Data*, publicado em 1884, Machado de Assis encontrava-se na segunda fase em que comumente a crítica literária divide sua obra, cuja linha demarcatória inicia-se com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, livro considerado como aquele que marca a transformação e a mudança de enfoque de sua produção literária, como endossa Alfredo Bosi, na *História concisa da literatura brasileira*:

a revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente (BOSI, 1994: 177).

O triângulo amoroso retratado em “Noite de almirante” (Deolindo, Genoveva e José Diogo) foi um tema muito utilizado nas histórias de Machado de Assis, como são exemplos os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Brás Cubas, Virgília e Lobo Neves), *Quincas Borba* (Rubião, Sofia e Palha), *Dom Casmurro* (Bentinho, Capitu e Escobar); temática também constante em contos: “A cartomante” (Vilela, Rita e Camilo), “A senhora do Galvão” (Maria Olímpia, Galvão e Ipiranga). Além da semelhança de assunto, outro tratamento idêntico é dado à forma como os amantes resolvem a questão amorosa, ou seja, geralmente a maioria dos integrantes desses relacionamentos opta pela conveniência social, de acordo com os seus interesses particulares, deixando o amor para o segundo plano.

Roberto Schwarz, em *Um mestre na periferia do capitalismo*, ao analisar *Memórias Póstumas*, estabelece uma possível correspondência entre o estilo dessa obra com as particularidades da sociedade brasileira, escravista e burguesa, afirmando a respeito do comportamento dos amantes o seguinte:

Naturalmente não quer dizer que no Brasil não ocorressem fugas por amor ou que os maridos não matassem os rivais ou as esposas infiéis. Quer dizer apenas que Machado isolava certo tipo de relacionamento com a norma burguesa contemporânea como sendo característica do país (SCHWARZ, 1990: 128).

*Memórias póstumas* endossa esse tipo de procedimento: um dos personagens, Lobo Neves, faz vista grossa ao caso extraconjugal da esposa, porque a posição pública desse homem não admitiria um escândalo, logo “só toma providências quando acuado pelo zunzum da opinião anônima” (SCHWARZ, 1990: 127). Schwarz, ademais, acrescenta que a “norma e transgressão existem, mas funcionam de maneira diversa do espe-

rado. Entre as duas há lugar para uma variedade de formas intermediárias, mais reais que o antagonismo" (SCHWARZ, 1990: 127). Em *Quincas Borba*, outro romance cuja tônica centra-se na temática do adultério e ascensão econômica, assistimos ao personagem Palha a valer-se do charme e dos atrativos sensuais da esposa, com a tácita conivência desta, para fazer um jogo de sedução cuja vítima é o incauto e rico Rubião.

Longe dos salões da burguesia em que o adultério anda de braços dados com a conveniência econômica e social, há em "Noite de almirante", uma história protagonizada por personagens pobres, uma relação amorosa, ou melhor, uma promessa de fidelidade de ambas as partes que acaba sendo quebrada. Nos bastidores, sem tomar parte dos acontecimentos narrados, citado tão-somente, há a terceira ponta do triângulo, um mascate, que se torna amante da moça.

Sumariamente, o enredo do conto é o seguinte: Deolindo, um marujo em terra, conhece Genoveva, ambos apaixonam-se. Antes de ele partir em viagem de trabalho, fazem um juramento de fidelidade. Só que Genoveva não cumpre a promessa. Após meses viajando, o marinheiro que se manteve fiel ao que os dois haviam combinado volta ao Rio de Janeiro e procura pela amada, porém descobre que ela está morando com um mascate. Talvez não querendo render-se às evidências, o marinheiro pensa em vingança, num primeiro momento. Pela condução da narrativa, num crescendo de tensão e expectativa, parece que o leitor prestes irá se deparar com um crime, todavia o moço apaixonado que chega a cogitar em matar Genoveva, quando enfim encontra-a, rende-se à sinceridade e à naturalidade das explicações da moça sobre a quebra do juramento.

Sob a ótica da terceira pessoa, o narrador procura manipular-nos, de modo a enxergarmos as personagens por um viés preconceituoso. Em razão disso, não é gratuito que Genoveva aparece-nos descrita como uma "caboclinha de 20 anos, esperta, olho negro e atrevido" (ASSIS, 2001: 151). Estas qualidades empregadas pelo narrador criam uma aura de

suspeição, levando o leitor a supor que a moça parece ser leviana. O adjetivo 'esperta', no sentido de ladina, astuciosa, conota que talvez a moça não seja confiável; os dois adjetivos a respeito do olhar de Geneveva possivelmente tencionam produzir uma atmosfera de desconfiança em relação à personagem, levando-se em conta que a cor preta ressalta, na nossa sociedade, negatividade; o vocábulo 'atrevido' denota "aquele que não demonstra medo ou submissão" (HOUAISS, 2001: 340), encerrando uma forte significação de alguém que possa ser volúvel. Esta representação negativa acaba sendo reforçada no fim da narrativa numa outra afirmação preconceituosa contra a moça, em que o narrador alude a "seus amores marítimos" (ASSIS, 2001: 156), criando no espírito de quem está lendo o conto a idéia preconcebida de que as principais qualidades de Geneveva sejam a inconstância e a vulgaridade.

Obviamente, em se tratando de um narrador criado por Machado de Assis, é necessário extremado cuidado, porque induz-nos a fazer a leitura de sua obra em conformidade com o que deseja que seja visto, ocultando nas entrelinhas – o que faz a delícia do leitor atento – as várias chaves para as armadilhas espalhadas ao longo do texto. Na apreciação crítica sobre *Ao vencedor as batatas*, de Roberto Schwarz, José Carlos Garbuglio faz essa observação, ao afirmar que "(n)o discurso do narrador: ele combina, sem contradizer, virtude e cinismo, sentimento autêntico e intenção, espontaneidade e dissimulação" (BOSI, 1982: 517).

O que diferencia Geneveva, Deolindo e José Diogo dos triângulos amorosos das histórias machadianas é o fato de pertencerem à esfera da gente pobre do Rio de Janeiro do século XIX. Porém, eles também se comportam regidos por imposições socioeconômicas de seu extrato social, em que os valores são outros, o espaço não é o burguês, o conto centra-se em personagens que vivem na periferia do Rio de Janeiro, bem diferentes daqueles que comumente Machado compõe com maestria, oriundos da classe dominante.

Os personagens da classe burguesa caracterizam-se por serem casados, e a subversão representada pelo adultério não

traz prejuízo de vida familiar sólida, consideração pública e reputação imaculada, pelo contrário, vem a ser um sinônimo de liberdade no amor, bem diferente do que ocorre no meio popular, na qual a instituição do casamento fica submetida na maioria das vezes à subsistência, as pessoas unem-se uma às outras de acordo com as conveniências econômicas, levadas mais pela sobrevivência do que pelos sentimentos.

Em "A máscara e a fenda", Bosi destaca sobre as narrativas de Machado de Assis que

A partir das *Memórias póstumas* e dos contos enfeitados nos *Papéis avulsos* importa-lhe cunhar a fórmula sinuosa que esconda (mas não de todo) a contradição entre parecer e ser, entre a máscara e o desejo, entre o rito claro e público e a corrente escusa da vida interior (BOSI, 1999: 84).

Dessa maneira, o narrador utiliza o expediente da máscara naquelas personagens caracterizados por não medirem esforços para obter melhores condições de sobrevivência, numa sociedade excludente em que os eleitos são poucos, nem que para a consecução disso os protagonistas traíam os outros e a si próprios.

O fingimento apresenta-se como uma questão de sobrevivência entre os personagens de "Noite de almirante". Genoveva muda de parceiro e abandona imediatamente a promessa feita ao antigo pretendente, quando opta por alguém que lhe possa talvez oferecer melhores condições econômicas. Ela transfere-se da casa escura, pequena, com móveis de pés quebrados, pertencentes à sinhá Inácia, na Gamboa, para uma casa pintada de novo, na praia Formosa. Quanto a Deolindo, este prefere mentir aos companheiros evitando uma possível chacota pública por não ter conseguido o que esperava de Genoveva. Esse mascaramento de atitudes sociais revela duas situações: protege os personagens de uma possível situação de constrangimento, bem como esclarece a necessidade dos protagonistas de ficar arraigada a um determinado nível social conquistado.

Ao mentir aos companheiros de bordo que a anunciada 'noite de almirante' havia ocorrido, Deolindo mascara a

realidade, dá à sua frustração outro caráter. Convém observar que o marinheiro não usa a palavra para negar ou afirmar nada, pelo contrário, por meio de um sorriso 'satisfeito e discreto' deixa a entender que os acontecimentos haviam se sucedido em conformidade com a expectativa dos amigos, sendo que, na verdade, a impressão que fica é de uma cena de realização amorosa, porém a discrição do sorriso que engana os companheiros de bordo só pode ser verdadeiramente compreendida pelos leitores.

As atitudes dos dois personagens lembram uma espécie de jogo de dissimulação em que cada um representa o papel esperado pelo outro; ambos valem-se de juras de amor, ocultando por trás destes juramentos dissimulados interesses diferentes. O marinheiro, porém, apaixonou-se pela moça, deixa cair a máscara, parte para o mar na expectativa de poder, num futuro retorno à cidade, encontrar-se e unir-se com Genoveva; esta simula estar apaixonada por ele, a fim de tentar escapar à sua situação de miserabilidade, que pode ser solucionada por meio de um relacionamento mais estável, conquanto percebamos que sua promessa de fidelidade ao moço ocorra dentro de uma esfera de ambigüidade.

No momento em que dialogam, instaura-se uma dúvida provocada pelo narrador, parece ironicamente que ele nos apresenta a moça como se estivesse falando sério, enquanto pode estar tão-só simulando um sentimento pelo marinheiro que não existe, consciente talvez de que um homem em constantes viagens pelo mundo não lhe poderia oferecer nenhuma segurança.

Desde o título aparece uma espécie de ironia velada criada pelo narrador que se estende aos nomes dos personagens. Segundo Schwarz existe um terreno "movediço, e cabe ao leitor orientar-se como pode, desamparado de referências, e tendo como únicos indícios as palavras do narrador, ditas em sua cara, como indisfarçada intenção de confundir" (SCHWARZ, 1990:22-3). A expressão 'noite de almirante' pertence ao campo semântico positivo, importante. Pelas palavras do texto podemos imaginar que este momento configura-

rá um grande acontecimento. De acordo com o dicionário *Houaiss*, etimologicamente 'almirante' deriva do árabe *al-mir* cujo significado é 'chefe, príncipe' (HOUAISS, 2001: 162). Logo, podemos inferir que este tipo de noite está ligado a alguma coisa suntuosa, própria da realeza, concernente às altas patentes e talvez seja estendido no conto ao marujo. Cria-se uma expectativa que, porém, não se realiza.

Deolindo, nome do personagem principal, também pertence ao campo semântico da positividade. Se separarmos este nome em duas partes teremos: Deo e lindo, a primeira palavra é uma das declinações latinas do vocábulo Deus, a segunda um adjetivo que se refere à beleza. Trocando em miúdos, Deolindo (Deus/lindo) que mal se anuncia no primeiro parágrafo do conto cede lugar imediatamente ao apelido grosseiro Venta-Grande, no lugar de seu sobrenome, quem sabe uma alusão jocosa do narrador ao nariz chato do marinheiro que possivelmente teria ascendência negra. Portanto, pouco adianta a este personagem ser "a fina flor dos marujos" (ASSIS, 2001: 151) se o narrador o constrói a partir de oposições, revelando ironia e sarcasmo por ele, pela sua pobreza e talvez por ser negro.

O nome Genoveva, quando dividido em duas partes, sugere uma ambigüidade: ao mesmo tempo que representa algo positivo, ou seja, 'geno' (do grego 'genós', geração), que remete ao *Gênesis*, livro bíblico que trata sobre a criação, também refere-se a 'Eva', considerada pelas versões bíblicas como a primeira mulher, vista negativamente porque provocou a expulsão do casal do Paraíso por desobediência. Como a personagem bíblica, Genoveva (genos/Eva) desafia as regras: não cumpre a palavra de fidelidade empenhada a Deolindo e rebela-se contra sinhá Inácia que a queria recatada à espera do marinheiro, porém ela muda-se para a casa do mascate José Diogo, atitude que demonstra ambigüidade no comportamento da moça, a partir da ótica do narrador, porque não ficamos sabendo exatamente se foi ela conquistada pelo mascate ou se a ação partiu dela, numa possível demonstração de joguete de ascensão social a que as mulheres



pobres eram submetidas na época.

Ao não cumprir o trato como a Eva do *Velho Testamento*, quando opta por José Diogo, Genoveva estaria cometendo um erro, porque não cumpre o juramento a Deolindo, escolhe outro parceiro cujo sobrenome vem a ser um eufemismo de diabo (HOUAISS, 2001: 1045), entidade que representa tudo que é negativo, em nossa cultura; revela da parte do narrador uma fina ironia à concepção da Bíblia, pois ao escolher José Diogo, na verdade esta relação lhe traz uma vida melhor, mais confortável e feliz, independentemente da significação negativa do sobrenome do companheiro.

A dissimulação parece ser a chave para entendermos “Noite de almirante”. Constatamos, depois de lido o conto, que ele oculta um fato que não se realiza. Se o disfarce revela-se para o leitor, não o é para as demais personagens da história. Deolindo dissimula por meio de um sorriso uma mentira em que os companheiros de bordo acreditam. Genoveva empenha sua palavra numa fidelidade que sabe não ser possível, esconde do marujo que pretende ascender social e economicamente, e é óbvio que isto possivelmente não seria realizado com um homem que dispunha de um ganho irrisório e que sempre estaria ausente, nas longas viagens mar afora.

Deolindo veste a máscara da mentira quando regressa ao Rio de Janeiro, à procura daquela a quem acredita amar. Inicialmente crê que a caboclinha esteja apaixonada por ele, mantém-se fiel à promessa durante os meses em que viaja por vários lugares. Na tripulação todos presumem que ele terá um grande encontro amoroso. Como todos os leitores sabem, nada houve, todavia, sob o disfarce da mentira, ele induz os amigos do navio a acreditarem que os fatos ocorreram como imaginaram.

Contrariamente ao marujo, Genoveva retira a máscara da falsidade que havia usado quando quebrou o juramento a ele. A ambigüidade de seu juramento cede lugar finalmente à descarnada verdade. Bosi refere-se a esta situação de inversão dos papéis da mentira e da verdade, afirmando que “No

fim de tudo, a simetria se inverte, porque a mentirosa sustenta lisamente a sua traição (que é a sua verdade), e o verdadeiro se peja da boa fé, e prefere escondê-la aos olhos dos outros, mentindo” (BOSI, 1999: 115).

Provavelmente, o duplo que existe nos nomes dos personagens, opondo-se um ao outro, explique-nos estas atitudes observadas nestas duas personagens. Estas marcas opositivas servem para anunciar a dubiedade das ações dos dois. Deolindo traz no seu nome beleza e Deus, contudo na alcunha Venta-Grande, possível referência a uma suposta deformidade, já transparece um ser dividido entre a perfeição e a imperfeição. Possivelmente isto justifica um homem apresentado inicialmente como aquele que diz a verdade e que no fim acaba pondo a máscara da mentira sobre sua face.

De igual modo, Genoveva carrega no nome as mesmas marcas opositivas verificadas no marinheiro. Na partícula ‘geno’ há a criação, na outra, ‘Eva’, a destruição, se fizermos uma relação com o mito bíblico da criação do mundo, em que as ações desta personagem destroem a perfeição existente. Logo, a perfeição e a imperfeição também coexistem no nome deste personagem, e esta duplicidade de certa forma anuncia uma mutação nas ações empreendidas por ela, ou seja, retirando a máscara da dissimulação, da mentira e deixando ver a face da verdade, que até então ocultara.

O narrador em terceira pessoa, abordando três personagens de extração popular – um mascate, um marujo e uma jovem mulher – deixa bem delineado a distância entre ele e suas criações. A ótica deste narrador apresenta-se a do sujeito pertencente à burguesia. Não é por outro motivo que tece comentários preconceituosos, destaca a faceta negativa dos protagonistas, vale da ironia para retratá-los, ou seja, comporta-se como os elementos de sua classe, olha o ‘povo’ de cima para baixo, como se este fosse uma espécie de simulação do que imagina que deveria ser.

Em “Noite de almirante” não existe propriamente adulterio. Para que existisse seria necessário que os protagonistas do conto tivessem um contrato matrimonial. Não o há.

Entre Deolindo e Genoveva houve apenas um contrato verbal, um juramento de fidelidade. Entretanto devemos levar em conta que entre os componentes das classes populares o casamento civil não se constituía numa prática comum, porque demandava gastos financeiros, logo podemos inferir que a entrada de José Diogo em cena configura de certa maneira a situação de adultério. Podemos apenas deduzir isso, é-nos impossível afirmar que realmente tenha havido. Pela ótica do narrador, que passa o tempo todo no conto a nos manipular, o triângulo amoroso é uma constatação que não se pode refutar.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas; Dom Casmurro*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

\_\_\_\_\_. *Os melhores contos de Machado de Assis*. 13. ed. Seleção de Domício Proença Filho. São Paulo: Global, 2001.

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. 32. ed. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

\_\_\_\_\_. A máscara e a fenda. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999, p. 73-126.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

\_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.